



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Onde está a honestidade?

Há alguns anos, torci o tornozelo, bastante, não em uma partida de futebol feroz, mas sozinha, por desatenção ou falta de preparo físico, quando caminhava por uma calçada. Tive de engessar a perna, e isso me deu a sensação de que era um craque decisivo e fora atingido por um beque adversário desleal, atemorizado pela minha habilidade infernal com a bola.

Durante duas semanas, olhei para o restante da humanidade como se eu fosse o Rivellino, o Messi ou Tostão. A sensação de ser craque se desfez inteiramente com a retirada do gesso. Mas, de qualquer maneira, as duas semanas em que permaneci com a perna imobilizada, sob os cuidados do departamento médico, foram-me preciosas para ler, sofregamente, as 500 páginas de *Noel Rosa: uma biografia*, de João Máximo e Carlos Didier (Ed. UnB). É uma obra-prima do gênero.

O que mais me chamou a atenção foi o contraste entre a vida dramática do poeta e a sua capacidade de transcender as situações mais penosas com o humor. Sempre se salva pela bossa. O queixo

afundado, consequência de um parto à fórceps, que o deixava vexado de comer nos restaurantes e tanto o atormentou, é exorcizado nestes versos: "Eu nascendo pobre e feio/ Ia ser triste o meu fim/ Mas crescendo a bossa veio/ Deus teve pena de mim".

O pai de Noel, Manuel Garcia de Medeiros Rosa, inspiraria um dos sambas clássicos do poeta de Vila Isabel. Medeiros ocupava um cargo do alto escalão da Inspeção de Abastecimento do então Distrito Federal e era distinguido com elogios e promoções. No entanto, entrou em desavença com o chefe sobre um aumento nos preços dos alimentos, que penalizaria a população. Medeiros

foi contra e vivenciou um processo de "fritura" na repartição.

Nunca mais se recuperaria do trauma, mesmo reconduzido às suas antigas funções, por ordem do interventor do Rio de Janeiro. Medeiros sucumbiu à apatia, à tristeza, ao desencanto e à depressão, pois era um funcionário exemplar. Terminou a vida enclausurado em instituições psiquiátricas. Enlouqueceu de honestidade.

Noel guardou, cuidadosamente, todos os documentos do episódio que levou o pai à ruína. O drama paterno inspiraria o poeta a compor um samba de estarrecida atualidade, intitulado *Onde está a honestidade?* "Você tem palacete reluzente/ Tem joias e criados à vontade/ Sem ter

nenhuma herança nem parente/ Só anda de automóvel pela cidade.../ E o povo já pergunta com maldade: 'Onde está a honestidade?/ Onde está a honestidade?'"

No verso seguinte, Noel continua indagando: "O seu dinheiro nasce de repente/ E embora não se saiba se é verdade/ Você acha nas ruas diariamente/ Anéis, dinheiro e até felicidade.../ Vasoura dos salões da sociedade/ Que varre o que encontrar pela frente/ Promove festivais de caridade/ em nome de qualquer defunto ausente/ Onde está a honestidade/ Onde está a honestidade?". De fato, tudo na vida de Noel terminou em samba e, mais do que isso, em sambas geniais. E de atualidade espantosa.

CONDENAÇÃO/ João Paulo Teixeira foi a júri popular por matar e esquartejar a vítima. A sentença foi proferida ontem e inclui crimes de homicídio qualificado, ocultação de cadáver e corrupção de menores

Assassino de Thalita pega 30 anos

» VITÓRIA TORRES

O Tribunal do Júri condenou João Paulo Teixeira a 29 anos e 11 meses de prisão pelo assassinato e esquartejamento de Thalita Berquó. A sentença proferida ontem, no Fórum do Guará, dá ponto-final a um dos mais cruéis crimes cometidos na cidade. Do total da pena, 24 anos e seis meses correspondem ao crime de homicídio qualificado, um ano e sete meses à ocultação de cadáver e três anos e 10 meses à corrupção de menores.

O homicídio ocorreu em 13 de janeiro do ano passado, com a participação de dois adolescentes. De acordo com as investigações da Polícia Civil (PCDF), Thalita foi morta após uma discussão relacionada à compra de drogas. Segundo a apuração, ela teria entregue o celular como forma de pagamento e, ao tentar recuperar o aparelho, foi atacada com golpes de faca e uma pedrada no rosto.

Em seguida, o corpo foi esquartejado. A cabeça e as pernas foram encontradas na Estação de Tratamento de Esgoto da Asa Sul, administrada pela Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal, enquanto o tronco foi localizado dois meses depois, enterrado e enrolado em um cobertor. Os braços da vítima nunca foram encontrados.

Durante depoimento, João Paulo confessou ter ajudado a ocultar o corpo de Thalita, mas negou participação direta no assassinato. Segundo ele, dois adolescentes cometeram o crime e pediram ajuda para esconder o cadáver em troca de R\$ 500 e 20 pedras de crack. Ele teria aceitado. "Eu cheguei no local e pediram para eu pegar um carrinho de mão e uma pá. Quando eu cheguei no local, o William estava todo cheio de sangue. Eu falei que eles não de-

Beatriz Mascarenhas/CB/D.A Press



Mãe e tia cobram por justiça em ato em frente ao Fórum do Guará

Material cedido ao Correio



João Paulo negou o crime, disse que só escondeu o corpo

veriam ter feito isso, que ia dar problema", afirmou o réu. Ao descrever a cena encontrada, João Paulo relatou que o corpo da vítima já estava mutilado. "Tava todo cortado o corpo. Não sei como cortaram. Tinha uma faca na mão do William", disse. A versão apresentada pela defesa foi duramente criticada pelo

promotor Gladson Viana, que classificou o caso como um dos crimes mais cruéis e covardes já registrados no Guará. Para ele, a tentativa de responsabilizar adolescentes seria uma estratégia para afastar a culpa do acusado. "Talvez seja o crime mais cruel e mais covarde ocorrido no Guará. Os restos da Thalita foram jogados no esgoto, o que demonstra o total desprezo pela vida dessa mulher. Para ele, a vida da Thalita não valia nada", declarou o promotor aos jurados.

Segundo Viana, o grupo envolvido no crime eliminava pessoas que atrapalhavam o esquema criminoso. "Estavam matando pessoas que deviam dinheiro, que atrapalhavam o fluxo do trabalho deles", afirmou. O promotor também questionou a narrativa de que adolescentes teriam comandado a ação. "Ele está dizendo que um menor de idade chama um maior de idade para ser um instrumento. Esse é o caminho mais fácil e óbvio para pessoas que praticam

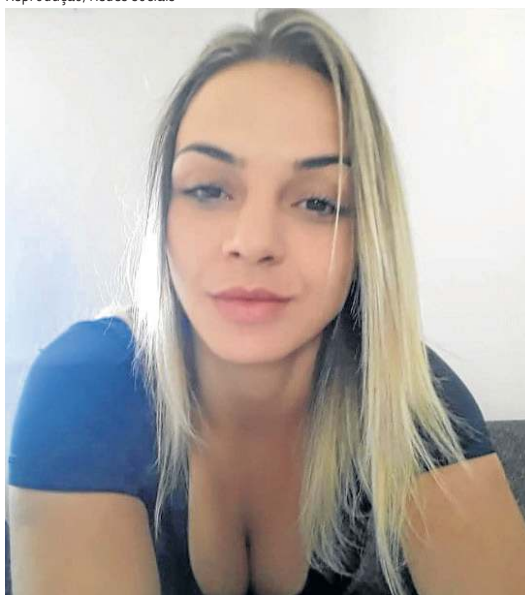
atos tão graves. Como admitir um crime desses? É mais fácil delegar aos inimputáveis", disse.

Já a defesa de João Paulo sustentou que não existem provas concretas de que ele tenha participado do homicídio e afirmou que o processo se apoia em relatos contraditórios de usuários de drogas. "Essa suposta solidez do caso não é tão consistente assim. Parece uma história muito fechada. Estamos falando de pessoas que estavam em um uso intenso de drogas, e que o caso se fundamenta nas falas dessas pessoas", declarou o defensor público Ronan Ferreira Figueiredo. Ele também pediu cautela aos jurados na análise dos depoimentos dos adolescentes envolvidos no caso. "Há muitas contradições nas falas dos adolescentes. A verdade é rarefeita na questão da justiça penal", afirmou.

Comoção

Os familiares da vítima se reuniram em frente ao Fórum, pela

Reprodução/Redes sociais



Thalita foi assassinada em janeiro de 2025

porque ainda não tenho minha filha", completou.

A tia de Thalita, Gláucia Marinho, 51, afirmou que a condenação trouxe a sensação de alívio. "É um ciclo que a gente está fechando. Pegou praticamente a condenação máxima".

Entenda o caso

O crime ocorreu em 13 de janeiro do ano passado e envolveu, além de João Paulo, dois adolescentes. Nos dias seguintes ao assassinato, 14 e 15, a cabeça e as pernas de Thalita foram encontradas na Estação de Tratamento de Esgoto da Asa Sul, administrada pela Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Caesb).

O tronco da vítima só foi encontrado cerca de dois meses depois, em 17 de março, após um dos adolescentes indicar aos investigadores o ponto onde havia sido enterrado, enrolado em um cobertor. Os braços de Thalita nunca foram localizados.

De acordo com as investigações da 1ª Delegacia de Polícia, na Asa Sul, Thalita saiu da QE 46 em direção a uma área próxima a uma invasão para comprar drogas. Segundo o então delegado-chefe Antônio Dimitrov, ela teria entregue o celular como pagamento e, ao tentar recuperar o aparelho, iniciou uma discussão com os suspeitos. A apuração aponta que João Paulo e os dois adolescentes teriam atacado a vítima com golpes de faca e uma pedrada no rosto antes de esquartejar o corpo.

Os três suspeitos foram presos pela Polícia Civil do DF. Um dos adolescentes segue internado em uma unidade socioeducativa, enquanto o outro cumpre medida socioeducativa em regime de semiliberdade desde outubro do ano passado.

LUTO

Hermenegildo Gonçalves, ex-presidente do TJDF

» MARIA EDUARDA LAVOCAT

O ex-presidente do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT) e primeiro ouvidor da Corte, Hermenegildo Fernandes Gonçalves, morreu na última quarta-feira, aos 89 anos. Considerado um dos pioneiros do Tribunal, ele dedicou mais de duas décadas à Ouvidoria do TJDF, onde atuou por 22 anos.

A trajetória de Hermenegildo no serviço público começou no

Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT), onde exerceu as funções de defensor público e promotor substituto entre 1971 e 1974. Em nota de pesar, o MPDFT destacou sua atuação marcada pela "reconhecida dedicação, compromisso institucional e elevado senso de responsabilidade pública".

Em 3 de setembro de 1974, tomou posse como juiz do TJDF, e em 1988, foi promovido ao cargo de desembargador. Ao longo da carreira no Judiciário, ocupou cargos de destaque,

incluindo a vice-presidência da Corte no biênio 1994-1996 e a presidência do Tribunal entre 1998 e 2000.

Mesmo após a aposentadoria como desembargador, em 14 de setembro de 2006, manteve vínculo com a instituição ao assumir a função de ouvidor-geral do TJDF, cargo que exerceu entre 2000 e 2022.

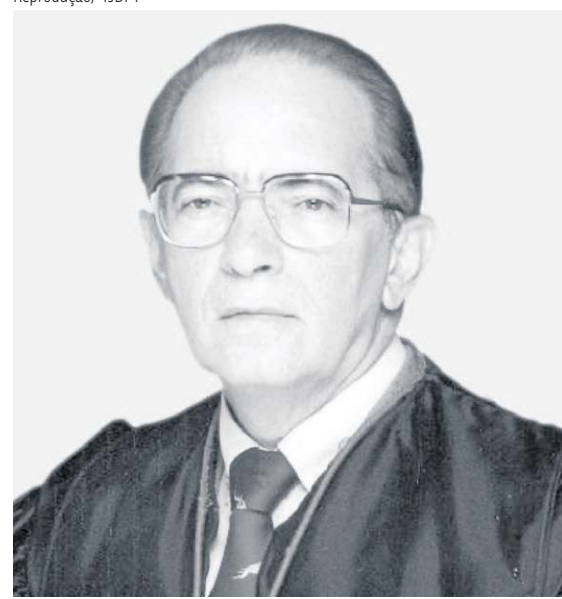
O velório será realizado hoje, das 9h às 11h, na Capela Especial nº 6 do Cemitério Campo da Esperança, na Asa Sul, em Brasília.

Em razão da morte, o TJDF

publicou a Portaria GPR 305/2026, decretando luto oficial de três dias na Corte. Durante o período, a Bandeira Nacional, a Bandeira do Distrito Federal e a bandeira do Tribunal permanecerão hasteadas a meio-mastro em todas as unidades do órgão.

Em nota, o Tribunal manifestou solidariedade à família e aos amigos do desembargador aposentado e prestou homenagem à sua trajetória, ressaltando os "relevantes serviços prestados à Justiça do Distrito Federal e dos Territórios".

Reprodução/ TJDF



Hermenegildo Gonçalves, ex-presidente do TJDF e primeiro ouvidor da Corte

Obituário / Sepultamentos realizados em 14/5/2025

» Campo da Esperança

Antônio Carlos Pimenta de Lacerda, 68 anos
Berenice Moreira Santos, 86 anos
Cassandra Hoyos Fernandes Cacaes, 70 anos
Cely Maria Zillig Veiga da Silva, 86 anos
Edson Benedito Gomes de Araújo, 75 anos
Elizabeth Valadares Guedes, 103 anos
Francisco Carlos de Sá Freitas, 68 anos
Genise Baracuy Lyra, 99 anos
Henrique Araújo Santiago, 29 anos

Isabel Patrícia Mercado de Faustino, 69 anos
Ivo Viana Maia, 89 anos
João Batista de Melo, 64 anos
José Clarindo Lobato Neto, 61 anos
Jucelino Vilarinho de Almeida, 70 anos
Kael Silva Borges, menos de 1 ano
Luis Gonzaga Rodrigues de Sousa, 67 anos
Marilena Gouveia Georges Cravo Costa, 86 anos
Shirley Brandi de Oliveira, 76 anos
Vicente de Paula Marques, 66 anos

» Taguatinga

Aloania da Rocha Couto Santos, 73 anos
Antônio Araújo de Sousa, 67 anos
Antônio Francisco Marques de Sousa, 35 anos
Belarmino José Alves Filho, 58 anos
Eliene Soares Mota, 55 anos
Geraldina Rosa Dias, 84 anos
Gilson Brito de Andrade, 59 anos
Marcelo Vitorino de Farias, 40 anos
Maria do Socorro Gomes, 60 anos
Meiry Araújo Mesquita, 81 anos

Michele Coutinho Cavalcante, 45 anos
Neuza Maria de Jesus Souza, 60 anos

» Gama

Almídia Borges, 89 anos
José Carlos Bidu Ramos, 63 anos
Manoel Bento, 61 anos
Maria Delfina Fernandes, 92 anos
Marlene Cristina de Souza Silva, 75 anos

» Planaltina

Maria Correia de Castro, 96 anos

» Brazlândia

Alzira Custódia de Santana, 80 anos
Maria Zilda Viana da Silva, 73 anos

» Sobradinho

Adelino Ferreira de Macedo, 91 anos
Maria Luiza Santos Borges, 89 anos

» Jardim Metropolitano

Procópio Gomes Turíbio Zaki, 70 anos
Genice de Medeiros Maranhão, 79 anos
Neusa Vieira de Sousa, 92 anos
Altivo Cabral, 94 anos (cremação)